

DISTOPIAS: QUÃO PERTO ESTAMOS? UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE *O CONTO DA AIA*, DE MARGARET ATWOOD, E *TEOCRASÍLIA*, DE DENIS MELLO (APOIO UNIP)

Aluna: Bárbara Soares de Carvalho

Orientadora: Profa. Dra. Juliana Carvalho de Araújo de Barros

Curso: Letras

Campus: Brasília

O gênero literário distopia vem adquirindo cada vez mais espaço entre o público leitor, principalmente no ambiente juvenil, tanto na literatura quanto nas artes visuais. Dessa forma, a partir da leitura de duas importantes obras literárias, *O Conto da Aia* e *Teocrasília*, de Margaret Atwood e Denis Mello, respectivamente, propomos um estudo comparativo acerca das distopias e suas características, de modo a analisar a proximidade entre os universos distópicos e a realidade contemporânea. Tal estudo torna-se necessário pela vivência em uma realidade cada vez mais conservadora, que segrega as minorias, restitui os direitos básicos e que busca transformar as leis divinas, exclusivas ao Cristianismo, em leis sociais. Logo, considerando os aspectos sócio-históricos em que as obras eleitas estão inseridas, e a linguagem crítica presente nas distopias, pretendemos levantar questões acerca das influências exercidas pela literatura distópica no cotidiano dos jovens leitores, desempenhando uma ferramenta de estímulo aos hábitos literários e de engajamento crítico e social. Buscamos, ainda, refletir sobre os perigos e a proximidade de regimes teocráticos e totalitários abordados nas obras com a atual conjuntura político-social brasileira, bem como a retratação da imagem feminina neste tipo de regime. A escolha de gêneros juvenis nesta pesquisa dá-se pelo importante papel que a literatura desempenha na vida do público infantojuvenil, não somente por fruição, mas também por representar um papel educativo, de reconhecimento de si e do mundo, auxiliando em questões de socialização e de liberdade individual. Para tanto, lançaremos mão de Hilário (2013), para investigar o gênero distopia; Cândido (2004), de modo a ressaltar

a relevância da literatura no meio social; Arendt (2004), a fim de compreender as raízes totalitárias; e outros teóricos que se fizerem necessários.